

MEMÓRIA, NARRATIVA E COISAS: DECOLONIZANDO AS ARTES VISUAIS NO ENSINO REMOTO

LETÍCIA LEMOS¹; KATIANE FERREIRA²; MAÍRA NEIVA³; DEIVI MOTTA⁴;
CAROLINE BONILHA⁵

¹UFPel – le_lemos@hotmail.com

²UFPel – katianef.dasilva@gmail.com

³UFPel – maira.camara.neiva@gmail.com

⁴UFPel – deivimottadasilva@gmail.com

⁵UFPel – bonilhacaroline@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A partir da nossa vivência no movimento social, como alunes na universidade e no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência -PIBID Artes Visuais, nós, duas bolsistas e dois voluntáries iremos trazer como relato de experiência, duas atividades realizadas de maneira remota na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecilia Meireles, localizado no bairro Areal da cidade de Pelotas. Na tentativa de abordar temas decoloniais como gênero, raça, classe e sexualidade, questionando a hegemonia e percebendo como isso atravessa as crianças, levando em conta as limitações pedagógicas que o contexto de ensino remoto nos impõe. A precarização do ensino-aprendizagem e os cortes diversos na educação brasileira, vem sendo desenhados como projeto, impulsionado por uma onda de conservadorismo e intensificado com a pandemia do Covid-19 desde março de 2020.

Devemos nos perguntar: que tipo de educação que está sendo posta nas instituições públicas e quais são as pedagogias possíveis no ensino de artes visuais de forma remota durante a pandemia?

2. METODOLOGIA

A metodologia foi pensada a partir de leituras sobre de(s)colonialidade como o texto Rumo a um feminismo decolonial de Maria Lugones (2019), da leitura do livro Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade, de bell hooks (2013), com discussões posteriores em roda do PIBID Artes Visuais junto às colegas e as supervisoras, e também os diálogos sobre as pesquisas das Bienais de São Paulo e do Mercosul. Nas pesquisas tivemos contato com artistas que fizeram parte das referências das atividades, “*Se vista como um rei*” e “*Memória, narrativa e coisas*”, que foram propostas para o 3º e 4º anos e o 6º ano do ensino fundamental respectivamente. As aulas aconteceram de maneira remota, foram montados slides em PDF com o conteúdo sintetizado e objetivo, junto foram realizados planos de aula que seguem as referências curriculares da rede municipal de ensino de Pelotas.

Na atividade “*Se vista como um rei*”, colocamos uma pequena introdução sobre o que é a Bienal do Mercosul, e trouxemos o fotógrafo nigeriano George Osodi que participou da 11ª Bienal, usamos a fotografia *Oharisi III - Ovie of Ughelli*, onde temos um rei nigeriano da região Ughelli uma cidade no estado de Delta, sentado no seu trono dourado com dois homens ao seu lado. Pedimos para que as crianças depois de verem a fotografia, procurassem se imaginar como um rei ou rainha, pensando em suas vestimentas, poderiam usar tecidos diversos que



tivessem em casa para se vestir e nos enviar uma fotografia ou que fizessem um desenho. Esta atividade buscava a libertação do pensamento e do imaginário, questionando as crianças e apresentando para elas outras referências, que não eram conhecidas sobre o que é ser rei, buscando ir além das histórias românticas que nos são contadas desde criança. Segundo a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2018), a história única parte do pensamento que a narrativa posta pela cultura ocidental tem o objetivo de apagar outras histórias e existenciais para sua manutenção.

Abriram mundos novos para mim, mas a consequência não prevista foi que eu não sabia que pessoas iguais a mim podiam existir na literatura. O que a descoberta de escritores africanos fez por mim foi isto: salvou-me de ter uma história única sobre o que são os livros. (ADICHIE; Chimamanda, 2018, p. 08)

Já na outra proposta “*Memória, narrativa e coisas*”, foram apresentadas as artistas Sonia Gomes e Rosana Paulino, o artista indígena Denilson Baniwa, suas obras e algumas de suas falas sobre suas vidas e trabalhos que se entrelaçam. Sônia Gomes, artista mineira, explica sua visão por história e memória, a partir dos seus trabalhos com tecidos.

Quando o trabalho é concluído, a história vai ser minha, vai ser outra história. A pessoa que vê o trabalho vai encontrar um pouco da história dela. Acho que o trabalho é essa construção de história, de vida e tempo.’ (GOMES, Sonia. 19º Festival de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil, 2018)

Tentamos instigar os alunos a olharem as suas memórias, narrativas e cotidianos e a contar um pouco delas de maneira real ou ficcionada, pensando na fluidez desses polos, assim como os artistas abordam em suas obras, fazendo com que o lugar da história única seja subvertido, mostrando que cada narrativa contada, parte de um lugar específico e corporificado. De acordo com Maria Lugones, socióloga argentina, é preciso olhar e entender que existem outras formas de vida, outras formas de estar no mundo, de pensar o mundo e viver junto a ele.

‘As comunidades, e não os indivíduos, possibilitam o fazer; as pessoas produzem junto de outras, nunca em isolamento. O boca a boca, a passagem de mão em mão das práticas vividas, dos valores, crenças, ontologias, espaços-tempo e cosmologias constituem as pessoas. A produção da vida diária, na qual existimos, produz nossos Eus, à medida que nos provê vestimentas, comida, economias e ecologias, gestos, ritmos, habitats, e noções de espaço e tempo; todos produtos significativos para nós. Mas é importante destacar que esses caminhos não são apenas diferentes: eles afirmam um ideal da vida acima do lucro, de um communalismo acima do individualismo, de um “estar” em vez do empreendimento; seres em relação em vez de separados dicotomicamente repetidas vezes em fragmentos hierárquica e violentamente ordenados. Essas formas de ser, de dar valor e de acreditar se estabeleceram como parte da resposta resistente à colonialidade. (LUGONES, Maria; 2019, p.386)

Com o aprofundamento dos estudos sobre descolonialidade, abre-se espaço para novas percepções das relações de poder que seguem oprimindo corpos periféricos e desviantes no cotidiano brasileiro, desde a colonização portuguesa em 1500. Nossas relações e subjetividades são atravessadas por uma cultura racista patriarcal que é sustentada pelas instituições do estado brasileiro, principalmente

pelo sistema educacional, se tornando de extrema necessidade que se discuta esses assuntos descoloniais dentro da sala de aula. A concepção de arte e suas discussões sobre o que é arte se difundiu impondo uma única visão sobre esse fazer, criando realidades nas escolas ocidentalizadas do que se pensa que é uma boa arte, do que é fazer arte e ser um artista, por isso é necessário descolonizar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na atividade “*Se vista como um rei*” as crianças usaram para a proposta vestimentas que já tinham em casa, outras fantasias e coroas prontas para construção do rei e rainha, mesmo a atividade propondo outra perspectiva desses postos, muitos dos alunos trouxeram a concepção ocidental, chamando atenção para um lugar de poder, luxo e o padrão das princesas Disney que estão muito enraizados em seus repertórios. Isto acontece por causa de diversos meios, como os filmes, desenhos e novelas, que estão carregados de referências europeias, assim como o ambiente escolar e os livros didáticos que reforçam a narrativa da história única, servindo então como uma ferramenta demagógica, por isso é tão importante abordar temas decoloniais nos espaços escolares, trazendo outras narrativas, formas de vidas e verdades possíveis no território brasileiro.

Já nas devolutivas da atividade “*Memória, narrativa e coisas*” estudantes trouxeram suas vivências, contando histórias de seus cotidianos no interior do Rio Grande do Sul, tratando do contato com os animais, do mato ou de estimação, as brincadeiras com colegas, de suas casas e o cotidiano com seus parentes, pensando o território onde vivem e construindo suas próprias narrativas. Desviando dessa falsa neutralidade que constrói a história única, impondo um padrão de estereótipos limitado ao homem branco, cis, hetero e capacitista, percebendo que esse padrão exclui mulheres, pessoas negras, indígenas, LGBTQI+ e pessoas com deficiência e que para resistir é necessário reinventar a sua própria verdade.

Observamos que as devolutivas acabam sendo escassas, as atividades que tivemos contato foram entregues pelos grupos do *Facebook* e do *Whatsapp*, já as que foram de maneira presencial e impressa não acessamos. Com o EAD e as aulas remotas, a educação bancária, que Paulo Freire trata em seus textos, acaba se intensificando como método de ensino, pois é necessário trocas entre a comunidade escolar, conversas e aprofundamentos e não transposição de conhecimento do professor para o aluno. Segundo Paulo Freire (1997), “eis aí a concepção ‘bancária’ da educação em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (FREIRE; Paulo, 1997, p.62). A educação bancária nos atravessa ao priorizarmos o cumprimento do conteúdo ao invés do método ou da qualidade do que estamos ensinando e aprendendo, impondo um método de ensino que tem se mostrado excludente e ineficaz, seguindo com aula a todo custo, mesmo que quase ninguém acesse e pouco se aprenda, se preocupando apenas com as bases curriculares, os planos de ensino e as burocracias das instituições educacionais.

4. CONCLUSÕES

Precisamos construir espaços educacionais onde caibam nossas urgências e o ensino remoto não tem cumprido esse papel. Ao invés de amenizar os

problemas de acesso à educação na pandemia, acentua a desigualdade, e é uma decisão unilateral, seja no ensino básico ou na universidade, bem como tem sido o retorno presencial nas escolas públicas durante a pandemia, uma decisão tomada em maior parte por políticos neoliberais com fins mercadológicos.

Tratando de questões técnicas, a rede de internet no Brasil é bem instável e a tecnologia e seu custo é absurda. Precisamos pensar neste meio remoto e nas problemáticas existentes, como o difícil acesso a uma banda larga de qualidade e a possível censura dos responsáveis, dificulta a construção de uma aula onde consigamos abordar temas que fogem do *status quo*.

A dependência de muitos brasileiros dos dispositivos móveis impacta a qualidade dos acessos, uma vez que esta modalidade possui franquias com quantidade limitada de dados, o que restringe a quantidade de serviços que podem ser utilizados ao longo do mês. (VALENTE; 2020)

O desmonte das instituições públicas de ensino, por meio do EAD, da censura e dos cortes tem sido o projeto do governo Bolsonaro para a educação. Como o Future-se, que retira recursos das universidades públicas e acena para sua privatização, através das parcerias com o setor privado, interessados no conhecimento e recursos que a universidade produz, deixando de servir ao público para servir ao mercado.

Por meio do PIBID, atuamos como projeto de ensino junto às escolas públicas, propondo com nossas ações um envolvimento da universidade com a comunidade, buscando construir saberes e pedagogias de forma horizontal, que sirvam as demandas dos territórios, almejando uma universidade popular que não sirva cada vez mais ao mercado e o controle das vidas e dos corpos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Videobrasil. **Sonia Gomes|19º Festival de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil**. 17 de jul. de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3rcJlwxsXk>>. Acesso em jun/2021.

LUGONES, Maria. **Rumo a um feminismo decolonial**. Pensamento feminista: conceitos fundamentais, Rio de Janeiro, Editora Bazar do tempo, 440p. 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação "bancária" e educação libertadora**. Introdução à psicologia escolar. 3^a edição. revisão atual. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1997.

VALENTE, Jonas. **Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa**. Agência Brasil, 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>>. Acesso em jun/2021.